

PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E QUESTÕES DE PESQUISA

Fabiana Panhosi MARSARO¹

RESUMO

Neste trabalho, procuraremos desenvolver uma reflexão teórico-metodológica a respeito das questões que permeiam o estudo do projeto gráfico-editorial em livros didáticos de língua portuguesa, na área da Linguística Aplicada (LA). A discussão que aqui será realizada se insere no contexto da pesquisa de Mestrado intitulada “Para além da letra: aspectos gráfico-editoriais em livros didáticos de Língua Portuguesa”, em andamento, que vem sendo desenvolvida por esta autora sob orientação da Prof^a Dr^a Roxane Rojo. Assim, passando por alguns pressupostos envolvidos na constituição da LA como disciplina, pretendemos justificar a pertinência de situar nosso objeto de estudo nessa área do saber, bem como a metodologia por nós eleita para abordá-lo, que será, se não detalhadamente descrita, ao menos problematizada ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Projeto gráfico-editorial; Livro didático; Metodologia.

ABSTRACT

In this work, we aim to develop a theoretical-methodological reflection on the issues that permeate the study of graphic and editorial projects of Portuguese Language textbooks, in the field of Applied Linguistics (LA). The discussion here will be held is within the context of the Master research titled "Beyond the Letter: graphic and editorial aspects of Portuguese Language textbooks", in progress, that is being developed by this author under the guidance of Prof. Dr. Roxane Rojo. Thus, through some assumptions involved in the formation of LA as a discipline, we intend to justify the appropriateness of placing our object of study in this area of knowledge, as well as the methodology that we elected to approach it, that will be, if not fully described, the less problematized throughout this work.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof^a Dr^a Roxane Rojo. Contato: fabiana.marsaro@gmail.com

Keywords: Applied Linguistics; Graphic and editorial projects; Textbook; Methodology.

Ainda hoje, resistindo às constantes transformações do mundo contemporâneo, o livro didático (doravante LD) – incluindo-se aí o livro didático de língua portuguesa (LDP), que nos interessa especificamente – continua a ocupar seu lugar de material de ensino-aprendizagem majoritário nas escolas brasileiras, principalmente públicas, consolidado e sustentado ao longo das últimas décadas. De fato, o cotidiano escolar, ainda hoje centrado no uso de materiais didáticos impressos, parece estar sendo pouco alterado pela onipresença das novas tecnologias em nossa sociedade, que, para além dos muros das escolas, têm transformado de forma profunda a maneira como as pessoas lidam com o mundo e com a linguagem. Tendo como traço constitutivo o fato de ser ao mesmo tempo um instrumento pedagógico e um produto comercial, o LDP determina não só muitas das práticas que acontecem em sala de aula, mas também de forma direta a lucratividade das editoras que o produzem. É justificável, portanto, que a Literatura sobre o LDP venha sendo continuamente acrescida por estudos que procuram defini-lo², discutir sua validade³ e analisar as particularidades de sua produção e circulação⁴, sendo que este último pode ser considerado um campo com muitas possibilidades ainda inexploradas, uma vez que, pelo menos no contexto brasileiro, mesmo passados 26 anos da instituição do Programa Nacional do Livro Didático⁵ pelo Governo Federal, 15 do início das avaliações e com a considerável estabilização das práticas editoriais relativas ao LDP, elas ainda não foram exaustivamente descritas e problematizadas.

Definindo qual seria o estado da arte dos estudos sobre as edições didáticas no Ocidente, Choppin (2004) define duas grandes categorias de pesquisa envolvendo o LD. Segundo o autor, na primeira categoria estão aquelas que

concebendo o livro didático apenas como um documento histórico igual a qualquer outro, analisam os conteúdos em uma busca de informações

²Como Bunzen (2005), considerando-o um gênero secundário do discurso, perspectiva que compartilhamos.

³ Por exemplo, Coracini (1999).

⁴ Ver Rojo (várias publicações) e o projeto de pesquisa “O livro didático de Língua Portuguesa no ensino fundamental: produção, perfil e circulação” no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e no site <http://homepage.mac.com/rrojo/LDPProperfil/>.

⁵ Atualmente desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Básica (SEB), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi instituído em 1985 pelo Ministério da Educação, a fim de forçar melhorias na qualidade do LD e estabelecer uma logística de seu uso e distribuição no país. A partir de 1996, o Programa passou a avaliar as obras inscritas, publicando trienalmente o Guia Nacional do Livro Didático. Com resenhas das obras recomendadas e instruções para sua escolha, o Guia condicionou a aquisição dos livros pelas escolas à sua adequação aos critérios do PNLD.

estranhas a ele mesmo (...) ou as que só se interessam pelo conteúdo ensinado por meio do livro didático (CHOPPIN, 2004, p. 554).

Na segunda categoria, o autor continua, concentram-se as pesquisas que, “negligenciando os conteúdos dos quais o livro didático é portador” (CHOPPIN, 2004, p. 554), o encaram como um objeto físico, um produto fabricado, comercializado e distribuído com usos específicos e avaliado a fim de atender as demandas de um contexto determinado (CHOPPIN, 2004, p. 554). Ainda que o autor ressalte que “essa distinção é seguramente esquemática, uma vez que uma pesquisa geralmente participa — ainda que em proporções variáveis — das duas categorias” (CHOPPIN, 2004: 554), podemos dizer que essa divisão sugeriria que os estudos que se voltam para os conteúdos do LD estariam naturalmente associados às áreas relacionadas às disciplinas que fazem parte do currículo escolar, como Letras e Pedagogia, no caso do LDP, ou História, Biologia, Matemática, para os outros LD, respectivamente. Já as pesquisas relativas aos aspectos formais do LD, em menor proporção, por aparentemente não envolverem diretamente o texto, os conteúdos, ficariam a cargo de pesquisadores vindos do Design Gráfico ou da Editoração.

Exemplificando essa constatação, podemos citar Moraes (2010), que menciona o Simpósio Internacional Livro Didático – Educação e História, realizado em 2007 em São Paulo, no qual,

dos 176 artigos apresentados em suas comunicações e constantes no caderno de resumos, apenas um trata diretamente de aspectos da configuração visual do livro didático e quatro versam sobre iconografia encontrada principalmente em livros de História (MORAES, 2010, p. 23).

Assim, como o próprio Choppin (2004) observa:

Por razões que dizem respeito à formação de pesquisadores e à carência de instrumentos apropriados, as análises dos livros didáticos, independentemente de suas problemáticas, ficam tradicionalmente restritas — ao menos no Ocidente — à análise de texto. (...) Têm sido negligenciadas as características “formais” dos livros didáticos. A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações (CHOPPIN, 2004, p. 559).

Essas constatações de Choppin (2004) ganham força quando, entendendo que o que o LDP se configura como um gênero secundário do discurso⁶ e que seu projeto gráfico-editorial compreende o planejamento – editorial – e a realização – gráfica – da sua forma, conteúdo e composição, podemos dizer que o projeto gráfico-editorial determina “a ordem, a disposição, o acabamento, a combinação das massas verbais” (BAKHTIN, 2003 [1952-53/1979], p. 211), ou seja, que diz respeito à forma de composição do gênero. Uma vez que “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo objeto do sentido e pela expressividade, ou seja, pela relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado” (BAKHTIN, 2003 [1952-53/1979]: 316), é através do projeto gráfico-editorial, também, que editor, autor e outros agentes, em maior ou menor proporção, assinalam seus pontos de vista sobre os objetos de ensino.

Nas últimas décadas, com a globalização e as novas tecnologias, a sociedade tem passando por transformações que estão modificando as relações sociais e as formas como as pessoas lidam com o mundo e com a linguagem. Segundo Nogueira (2007, p. 80), os alunos que estão nas escolas hoje pertencem à geração que é conhecida como “‘geração (inter)net’ (netgeneration) ou ‘geração digital’ (digital generation)”. Esses jovens, que cresceram na era digital, estão acostumados ao dinamismo e a abundância de informações características da internet, dos videogames, dos celulares. Ao mesmo tempo, “autores como Roland Barthes enfatizam que a nossa época é a da relação texto/imagem” (CAVALCANTE, 2008, p. 55), imagens essas que “possuem cada vez mais espaço no mundo diante de tantos avanços tecnológicos, principalmente no que se refere ao universo imagético” (CAVALCANTE, 2008, p. 55).

De acordo com Rojo (2009), as novas configurações da sociedade têm tido impacto direto nos letramentos e, por isso, devem ser encaradas de maneira crítica pela escola. As quatro principais mudanças elencadas pela autora são: i) “a vertiginosa intensificação e a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais” (ROJO, 2009, p. 105), que têm colocado em xeque o impresso e o papel; ii) “a diminuição das

⁶ A partir da teoria bakhtiniana – principalmente em Bakhtin/Volochinov (1926, 1929), Bakhtin/Medvedev (1928) e Bakhtin (1952-53/1979; 1934-35/1975) –, consideramos, como Bunzen e Rojo (2005), que “os autores de livros didáticos e outros agentes envolvidos em sua produção produzem também enunciados num gênero do discurso, que possui *temas* (os objetos de ensino), uma *expectativa interlocutiva específica* (professores e alunos das escolas públicas e privadas, o editor, os avaliadores do PNLD) e um *estilo didático* próprio” (BUNZEN; ROJO, 2005, p. 15)

distâncias espaciais” (ROJO, 2009, p. 105), que tem efeitos sobre a construção das identidades e o enraizamento das populações; iii) “a diminuição das distâncias temporais ou a contração do tempo” (ROJO, 2009, p. 105), que têm tornado o instantâneo e o imediato as medidas que regem o cotidiano; iv) “a multissemiótica ou a multiplicidade de modos de significar que as possibilidades multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico trazem para o ato da leitura” (ROJO, 2009, p. 105), que tem tornado o texto verbal escrito insuficiente diante das possibilidades de associação a signos de outras modalidades.

Ainda segundo a autora, no contexto dessas mudanças está uma cultura de massa, fruto da globalização e da sociedade de consumo, que é

padronizada, monofônica, homogênea e pasteurizada [...] Por isso, se tornam tão importantes hoje as maneiras de incrementar, na escola e fora dela, os letramentos críticos, capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, neutralizados, de maneira a perceber seus valores, suas intenções, suas estratégias, seus efeitos de sentido. (ROJO, 2009, p. 112)

O papel da escola, hoje, é possibilitar que seus alunos sejam letrados para “participar de várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 107). Faz-se necessário, então, responder com novas estratégias a esses impactos “que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea” (ROJO, 2009, p. 107).

(...) tendo em vista o papel do discurso nas sociedades densamente semiotizadas em que vivemos (...) ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania, a menos que queiramos deixar grande parte da população no mundo do face a face, excluída das benesses do mundo contemporâneo das comunicações rápidas, da tecnologia e da possibilidade de se expor e fazer escolhas entre discursos contrastando sobre a vida social (MOITA-LOPES & ROJO, 2004, p. 46).

Diante dessas novas demandas, vemos que a oposição entre forma e conteúdo deixa de fazer sentido no texto contemporâneo, basta observar a complexidade das interfaces encontradas na internet, nas quais as relações entre os textos verbais e as imagens, as cores, o movimento, as novas formas de ler e organizar a linguagem carregam ideologias e valores próprios. Ainda que, talvez num futuro próximo, o LDP não seja o único material presente nas salas de aula, encontrando apoio em CD-ROMs, sites e outras plataformas a serem

desenvolvidas, atualmente estamos diante do desafio de letrar através do impresso para uma realidade que é dinâmica, digital, multimodal e plural. Entendemos que, frente a esse impasse, o LDP não pode mais lidar com as imagens, ilustrações, com os diferentes textos e suportes de maneira acrítica, o que traz à tona, necessariamente, a questão do projeto gráfico-editorial.

Vendo nessas questões uma lacuna nas pesquisas envolvendo o LDP e, por isso, também a oportunidade de desenvolver uma reflexão teórica, nos propusemos a tomar o projeto gráfico-editorial como nosso objeto de pesquisa, entendendo que, principalmente na contemporaneidade, ele se mostra bastante significativo para o processo de ensino-aprendizagem.

De saída, porém, esse entendimento do nosso objeto nos leva a uma abordagem que supera as fronteiras estabelecidas entre as disciplinas, necessariamente transdisciplinar⁷, afinal, mais do que realizar um mero exercício formal, com fim em si mesmo, ou, por outro lado, uma análise de conteúdo que não leva em conta os elementos não-textuais, nosso objetivo é realizar um estudo crítico que nos permita apontar como esses aspectos formais contribuem para um ensino-aprendizado situado e consciente da língua materna, para então sugerir critérios para a elaboração dos mesmos, fornecendo ao mercado editorial subsídios teoricamente fundamentados que levem à produção de obras didáticas adequadas às necessidades atuais.

É importante destacar que o uso do adjetivo “crítico” para caracterizar nosso estudo não é sem razão. Estamos compartilhando aqui da visão de Pennycook (1998), quando se referiu ao tipo de abordagem que a Linguística Aplicada deveria assumir:

O uso da palavra 'crítica' não pretende se referir a uma concepção de criticismo somente em termos dos argumentos contra o cânone do pensamento reconhecido; ao invés disso, a palavra 'crítica é usada com a intenção de incluir uma concepção de crítica transformadora. Isto significa que nós, na qualidade de intelectuais e professores, precisamos assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade (PENNYCOOK, 1998, p. 42).

Ao contrário, portanto, do criticismo de muitas das pesquisas envolvendo o LDP a partir da década de 60⁸ que, de acordo Bunzen (2005), eram predominantemente avaliativas,

⁷ CELANI (1998), MOITA-LOPES (1998), ROJO (2006).

⁸ Essas pesquisas geralmente associavam o LD às políticas educacionais da ditadura, que teriam transformado os professores em “*dadeiros de aulas*, sem muito tempo para atualizar-se e, por isso mesmo, lançando mão dos livros e manuais que lhes chegavam prontamente” (SILVA, 1996 *apud* MUNAKATA, 2002, p. 89). Como exemplo de trabalhos que contestam essa posição, Munakata (2002, p. 92) cita “pesquisa realizada por Araujo (2001) sobre os usos de livro didático de História em algumas escolas estaduais de Ensino Fundamental na cidade de São Paulo. Nesse trabalho, um professor conta que ele utiliza livro didático apenas como fonte de

apontando falhas somente e assumindo um olhar essencialmente prescritivo, entendemos que nosso papel deva ser mais o de, reconhecendo a importância do LDP no sistema escolar brasileiro, descrever as características editoriais, pedagógicas e discursivas envolvidas em sua produção, apreender alterações ocorridas e entender suas motivações para então propor alterações ou novas posturas a serem adotadas. Como Rojo observa:

Os diversos autores apontam como uma característica do fazer do lingüista aplicado na última década, como diria Eversen (1996), um interesse primário de pesquisa prospectivo e não retrospectivo. Isto é, interessa à LA, como também a muitos outros campos de pesquisa – aplicada ou não, sociais ou da natureza – na alta modernidade, “entender, explicar ou solucionar problemas” para criar ou “aprimorar soluções existentes” (Eversen, 1996, p. 91), sendo que a “orientação para o problema como abordagem dominante na LA substituiu gradualmente a orientação para a teoria” (Eversen, 1996, p. 96) (ROJO, 2007, p. 1761)

Ainda segundo a autora, essa perspectiva envolve escolhas políticas por parte dos pesquisadores, que vão influenciar a pesquisa durante todo o seu percurso:

para Moita-Lopes (1998, p. 121), a *responsabilidade social da pesquisa* influencia “desde aquilo que vale a pena ser estudado até a própria estrutura da investigação (cf. Gibbons *et al.*, 1995, p. 7)”. Este interesse primário de pesquisa acarreta, portanto e cada vez mais, mudanças na seleção e no enfoque dos objetos de investigação. Os autores são unânimes em qualificar esses objetos como problemas de comunicação, de discurso, de uso de língua(gem) em contexto, em práticas situadas. Dentre esses, os usos escolares da língua(gem); os discursos didáticos (ROJO, 2007, p. 1762).

Podemos dizer que a responsabilidade social da pesquisa existe quando o pesquisador se vê orientado por preocupações éticas, como defende Rajagopalan (2003), isto é, quando considera os impactos sociais do estudo, rompendo com o modelo tradicional de pesquisa positivista que impõe barreiras entre a academia e sociedade, ignorando as questões práticas, como se a ciência não dissesse respeito a quem é “leigo”. Nesse sentido, nosso estudo pretende dar corpo às pesquisas que procuram “compreender [e descrever] o funcionamento [...] [do] subsetor editorial” principalmente por entender que é no seu entorno que “se definem

ilustrações. Outro relata que o emprega para fazer exercícios de leitura – habilidade que, segundo diz, seus alunos ainda não dominam bem. Um terceiro esclarece que mescla trechos de vários livros ao mesmo tempo. Esses exemplos revelam não a suposta deficiência do professor que requer, por isso, muletas; ao contrário, mostram a extrema criatividade no manuseio desse material, por cuja escolha esses professores nem sempre foram responsáveis”.

políticas educacionais, desenvolvem-se processos de controle curricular e se organizam práticas de escolarização e letramento⁹” (BATISTA; ROJO; ZUÑIGA, 2005, p. 1).

Em uma abordagem transdisciplinar, ética e socialmente compromissada, portanto, como define Moita-Lopes (1998), procuramos “subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo” (MOITA-LOPES, 1998, p. 114). Mais do que simplesmente emprestar teorias e utilizá-las tal qual se apresentam em outras disciplinas, reformulamos e ressignificamos essas diferentes concepções, esses olhares, ao nosso próprio olhar e ao nosso objeto (que por vezes também pertence originalmente a outras disciplinas, como em nosso caso), que também vai sendo modificado no processo, agregando mais sentidos do que apagando, uma vez que “os percursos transdisciplinares de investigação produzem – e não simplesmente consomem – teoria no campo aplicado” (ROJO, 2007, p. 1764). Segundo Rojo (2006), as teorias de referência passam a funcionar, portanto, como um excedente de visão:

essas novas configurações teórico-metodológicas, embora dialógicas, são ‘próprias’ [...] Isto é, são *articuladas* a partir de um ponto de vista e de uma *apreciação valorativa* únicos sobre o objeto de investigação (que antes defini como suscitado por uma *privação sofrida*), em relação ao qual as configurações dos saberes ou teorias de referência constituem como que um *excedente de visão*, embora ‘apropriadas’ (num sentido não só bakhtiniano do termo). E é justamente para construir essa articulação do ponto de vista e da apreciação valorativa sobre o problema ou sobre o objeto que se faz necessária uma *leveza do pensamento*, que vem sendo chamada de ‘transdisciplinaridade’, ancorada no peso do objeto (ROJO, 2006, p. 261).

Tomar, portanto, o projeto gráfico-editorial como objeto, ao contrário de limitar nosso olhar àquela que seria sua definição e entendimento em suas disciplinas “de origem”, se é assim que podemos chamá-las, permite que o reconfiguremos a partir de nosso ponto de vista, transformando-o em outro objeto que poderia – por que não? – voltar ao Design Gráfico ou à Editoração ressignificado, para nessas áreas participar de novas pesquisas, em um ciclo, portanto.

Essa maleabilidade que o próprio objeto assume quando abordado nessa perspectiva, vai acabar por definir – ou indefinir – também o percurso de pesquisa que será desenvolvido. Como aponta Eversen (1998), a Lingüística Aplicada é tradicionalmente empírica e, por isso,

⁹Ainda que a citação utilize o termo “letramento”, no singular, destacamos que nossa perspectiva é a que considera os letramentos múltiplos, necessariamente no plural, a partir dos Novos Estudos do Letramento (NEL/NLS). Embora não seja aqui o momento de justificar esse posicionamento, ele perpassa todo este trabalho.

o “modo de fazer” das pesquisas geralmente envolve a indução, com os dados levando a uma teoria, e a abdução, em que o pesquisador usa sua experiência para levantar hipóteses ousadas e, tendo em mãos dados concretos, procura examiná-los e elaborar justificativas teóricas. Assim, considerando a imprevisibilidade dos dados, é esperado que o desenho de pesquisa não seja fixo, ainda que haja um esboço inicial dos passos e procedimentos a seguir, mas que seja suscetível a reorientações durante o percurso (SIGNORINI, 1998). Faz parte desse trabalho criativo do pesquisador, quando necessária, a criação de categorias de análise que possam sustentar essas proposições. Como afirmam André e Lüdke, porém “não existem normas fixas nem procedimentos padronizados para a criação de categorias” (LÜDKE, 1986, p.43), o que mostra serem fundamentais a sensibilidade e a intuição do pesquisador com relação ao seu objeto e ao contexto em que ele se insere.

A esse respeito, uma vez que nosso trabalho é embasado pela Teoria Bakhtiniana de enunciação, elaborada por Bakhtin e seu Círculo, principalmente os textos de Bakhtin/Volochinov (1926, 1929), Bakhtin/Medvedev (1928) e Bakhtin (1952-53/1979; 1934-35/1975), consideramos interessante abordar a metodologia sugerida para a análise dos enunciados por Bakhtin/Volochinov (1981 [1929], p. 124), que considera primeiramente as esferas sociais e a situação de enunciação, ou seja, as condições concretas da enunciação, depois os gêneros do discurso em que o enunciado se realiza para só então se chegar às formas da língua, em uma interpretação linguística tradicional. Ainda que tenha sido elaborado para dar conta essencialmente de textos verbais impressos, esse método sociológico amplia-se para outros objetos. Mesmo “o caráter multissemiótico dos textos/enunciados contemporâneos não parece desafiar fortemente os conceitos e categorias propostas” (ROJO, a sair, p. 12), pelo contrário, seus sentidos são preservados da mutilação que acaba sendo causada por outros métodos de análise mais fragmentados ou excessivamente formais, pois leva, segundo Rojo (2007, p. 1762) a uma “abordagem da *realidade plena do discurso*, que possibilita a não ruptura dos fios da trama”, isto é, se configura como um procedimento analítico que busca, essencialmente, aquilo que é extremamente desejável em Linguística Aplicada: “‘não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes’ (Signorini, 1998, p.101)” (ROJO, 2007, p. 1763).

Tendo exposto, portanto, a relevância de nosso objeto e as justificativas e implicações de sua abordagem na área de Linguística Aplicada, entendemos que possamos, a partir de agora, traçar não o desenho, mas um esboço de qual seria nosso método de pesquisa.

O objetivo específico desta pesquisa é que, a partir do entendimento das relações estabelecidas entre o projeto gráfico e o projeto pedagógico dos LDP, possamos, ao final do trabalho, apontar parâmetros que norteiem a elaboração do projeto gráfico-editorial desses materiais. Ressaltamos não ser nosso propósito elaborar um modelo de LDP que possa ser reproduzível, um molde daquilo que seria ideal em um projeto gráfico-editorial e que obrigatoriamente funcionaria em todos os contextos. Primeiramente, acreditar que essas generalizações sejam possíveis é uma posição contraditória diante de tudo que expusemos até aqui. Longe dessa postura positivista, não buscamos encontrar uma verdade, mas apontar soluções provisórias, que possam ser problematizadas posteriormente por outros pesquisadores, colocadas em prática por editoras ou mesmo rejeitadas, alimentando assim o campo de pesquisas sobre o objeto. É importante considerar, também, que o cunho de nossa pesquisa é assumidamente interpretativista, condicionando-a a subjetividade desta pesquisadora, entendida por nós não como prejudicial ou deturpada, mas como elemento constitutivo. Esperamos, portanto, que as visões sustentadas por esse estudo e as propostas resultantes dele circulem na sociedade e sejam questionadas, reinterpretadas, num processo dialógico e, por isso, produtivo.

Uma vez que esta pesquisa se insere no Projeto “Livro Didático de Língua Portuguesa – Produção, Perfil e Circulação (LDPProperfil)”, que integra o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e é coordenado pela Prof^a Dr^a Roxane Helena Rodrigues Rojo, de saída vemos a necessidade de dialogar com os dados acumulados no seu decorrer, muitas vezes questionando resultados ou métodos, outras nos apropriando de reflexões e procedimentos já realizados por outros membros do grupo.

Primeiramente, portanto, pretendemos selecionar para análise duas coleções didáticas de Língua Portuguesa destinadas ao segundo ciclo do Ensino Fundamental (exemplares dos 6º, 7º, 8º e 9º anos), recomendadas pelo PNLD 2010, condição essa que supostamente garantiria o atendimento às exigências didáticas para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no país. Através da leitura criteriosa do Guia do PNLD 2010, procuraremos selecionar coleções que tenham os pareceres mais favoráveis quanto aos aspectos gráfico-editoriais. Essa avaliação do Guia será tomada como indício, mas será também questionada ao longo do trabalho, uma vez que não é imparcial.

Tendo selecionado esse corpus, passaremos a analisá-lo utilizando técnicas da pesquisa qualitativa. Uma vez que estamos em busca de padrões e de regularidades, porém, será inevitável recorrer a ferramentas que resultem em dados numéricos, entretanto, por si só

esse procedimento não torna nossa pesquisa quantitativa, pois esses dados serão descritos qualitativamente e submetidos às categorias por nós elaboradas, interpretados, portanto, obedecendo à subjetividade desta pesquisadora e ao nosso entendimento das teorias.

A análise do corpus, na ótica da pesquisa, terá como finalidade determinar ocorrências que caracterizem a colaboração entre os aspectos gráfico-editoriais e o projeto pedagógico, descrever seu funcionamento e apontar procedimentos que possam ou não ser apropriados por outros materiais. Sendo assim, o trabalho envolverá: (i) a descrição dos elementos constitutivos dos projetos gráfico e editorial das obras, (ii) a quantificação desses elementos, (iii) a análise e comparação dos dados e (iv) a criação de categorias de análise específicas que, cremos, poderão ser úteis para outras pesquisas na área e enriquecerão o campo de estudo sobre o LDP. Uma vez que nosso corpus é formado por materiais que não receberam tratamento analítico ou interpretativo prévio e que nossa ação será a de tomar esses documentos de “primeira mão”, a fim de selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando extrair algum sentido, o que poderá servir como consulta para futuros estudos, entendemos estar realizando uma pesquisa documental, como a definem André e Lüdke (1986) e Gil (1999, 2002).

Considerando nosso objetivo geral e o que foi exposto até aqui, chegamos às seguintes perguntas de pesquisa:

1. A partir dos materiais analisados, quais são os elementos que compõem os projetos gráfico-editoriais dos LDP e quais são suas funções?
2. A partir dos materiais analisados, quais são as limitações impostas e as possibilidades criadas pelos aspectos gráfico-editoriais aos projetos pedagógicos dos LDP?
3. Quais seriam os parâmetros possíveis para guiar a elaboração de projetos gráfico-editoriais de LDP que dialogassem com as demandas do ensino de Língua Portuguesa na sociedade contemporânea?

Por trás dessas questões norteadoras encontram-se muitas outras, sendo que podemos elencar algumas que, de uma forma ou de outra, cremos que serão problematizadas ao longo de nosso estudo:

- Existem maneiras de o livro impresso educar para o digital, para o multissemiótico, para o pluricultural, ou seja, para os multiletramentos? Quais são elas?
- Como as editoras vêm lidando com as novas demandas educacionais da contemporaneidade?
- Por quais alterações tem passado os LDP para responder a essas novas demandas?

- Que pressupostos sobre os letramentos estão implícitos nessas novas (ou velhas) práticas?

- De que forma o PNLD tem participado dessas questões?

- Como os critérios do PNLD influenciam o perfil das coleções didáticas?

- Quais as relações entre a configuração do mercado editorial e os perfis das coleções didáticas que são recomendadas pelo PNLD?

- Que papéis têm assumido autores, editores e outros agentes editoriais no processo de produção do LDP?

Tendo em mente essas questões, a partir da Base de Textos do LDP-Perfil, composta por planilhas nas quais foram levantadas características (título, autoria ou veículo, suporte, gênero e esfera de circulação) dos textos das coletâneas de coleções avaliadas nos PNLD de 2002, 2005 e 2008, procuraremos gerar uma que organize os dados de nosso corpus, acrescentando outros componentes que acreditamos serem pertinentes aos objetivos da nossa análise.

Após esse trabalho de organização dos dados e registro de regularidades, procederemos com a análise dos resultados obtidos, sempre atentos a possíveis revisões ou reelaborações que podem acontecer no percurso. Sendo coerentes à Teoria Bakhtiniana, que elegemos como guia de nossas reflexões, e concordando com Rojo (2007), que define os conceitos elaborados por Bakhtin e seu Círculo como ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados situados, recorreremos às noções de esfera ou campo e de gênero discursivo e suas dimensões (tema, conteúdo temático, forma composicional, arquitetônica, estilo), dialogismo, plurilinguismo, polifonia, vozes, discurso citado e réplica ativa.

Por fim, concluindo essa reflexão teórico-metodológica, reafirmamos que nosso interesse de pesquisa parte do pressuposto de que a Linguística Aplicada é a área em que podemos mais produtivamente aproximar os discursos da escola dos discursos reais que circulam em sociedade. Sendo assim, diante de uma cultura editorial cristalizada e de uma sociedade em constante transformação e que, por isso, coloca “novos parâmetros para a formação dos cidadãos” (ROJO, 2009, p. 89), entendemos serem desejáveis estudos que levem em conta o LDP, suas características e os processos e práticas envolvidos na sua produção, que podem ter impactos diretos no processo de ensino-aprendizagem mediado pelo LDP. Não se trata, portanto

de qualquer problema – definido teoricamente – mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico (ROJO, 2006, p. 258).

Diante do desafio que se coloca, esperamos ter sucesso nessa empreitada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**, 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53/1979].

BATISTA, A. A.G; ROJO, R. H. R.; ZUÑIGA, N. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança. In: M. G. Costa Val & B. Marcuschi (Orgs.) **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2005.

BUNZEN, C. S. **Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Linguística Aplicada. IEL/UNICAMP, 2005.

CAVALCANTE, N. S. Linguagem das figuras, figuras de linguagem ou conversando sobre ilustração. In: Farbiarz, J. L.; Farbiarz, A.; Coelho, A. L. (Orgs.) **Os lugares do design na leitura**. Rio de Janeiro: Editora Novas Ideias, 2008.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (Orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 129-142.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Revista Educação e Pesquisa [online]**, vol.30, n.3, 2004, pp. 549-566. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

EVENSEN, L. S. A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (Orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA-LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (Orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____ & ROJO, R. H. R. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. In: BRASIL/MEC/SEB/DPEM. **Orientações curriculares de ensino médio**. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004.

MORAES, D. D. C. D. **Visualidade do livro didático no Brasil**: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, M. C. B. **Ouvindo a voz do (pré)adolescente brasileiro da geração digital sobre o livro didático de inglês desenvolvido no Brasil**. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PENYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. (Orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROJO, R. H. R. **A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos**. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) Círculo de Bakhtin: inter e intradiscursividades, Série Bakhtin – Inclassificável, Vol 4. Campinas, SP: Mercado de Letras, a sair.

_____. Fazer Linguística Aplicada em uma perspectiva sócio-histórica: Privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Gêneros do discurso no Círculo de Bakhtin- Ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. **Anais do SIGET**, 2007, p. 1761-1776.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em lingüística aplicada. In: SIGNORINI & CAVALCANTI (Orgs.), **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 99-110.